



NATÁRIO, Celeste; EPIFÂNIO, Renato. *A Mensagem*: entre Agostinho da Silva e Fernando Pessoa. In: *Revista Épicas*, Ano 1, N. 1, Jun 2017, p. 1-7.

A MENSAGEM: ENTRE AGOSTINHO DA SILVA E FERNANDO PESSOA

A MENSAGEM: BETWEEN AGOSTINHO DA SILVA AND FERNANDO PESSOA

Celeste Natário¹

Renato Epifânio²

RESUMO: Procuraremos, neste texto, salientar algumas dimensões do poema épico de Fernando Pessoa, “A Mensagem”, em diálogo com o filósofo luso-brasileiro Agostinho da Silva”.

Palavras-chave: Agostinho da Silva; Fernando Pessoa; Poesia Épica.

ABSTRACT: We will try in this text highlight some dimensions of the epic poem by Fernando Pessoa, "The Message", in dialogue with the Luso-Brazilian philosopher Agostinho da Silva ”.

Keywords: Agostinho da Silva; Fernando Pessoa; Epic Poetry.

¹ Docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Enquanto investigadora, tem-se dedicado, em particular, à filosofia e cultura portuguesas, tendo publicado: **O Pensamento Dialéctico de Leonardo Coimbra: reflexão sobre o seu valor antropológico** (1997); **O Pensamento Filosófico de Raul Proença** (2005); **Entre Filosofia e Cultura: percursos pelo pensamento filosófico-poético português nos séculos XIX e XX** (2008); **Itinerários do Pensamento Filosófico Português: da Origem da Nacionalidade do Século XVIII** (2010); **Pascoaes: Saudade, Física e Metafísica** (2010). Tem organizado múltiplos encontros científicos. Coordena o projecto de investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal” (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto).

² Membro do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, da Direcção do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, da Sociedade da Língua Portuguesa e da Associação Agostinho da Silva; investigador na área da “Filosofia em Portugal”, com dezenas de estudos publicados, desenvolveu um projecto de pós-doutoramento sobre o pensamento de Agostinho da Silva, com o apoio da FCT: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, para além de ser responsável pelo **Repertório da Bibliografia Filosófica Portuguesa**: www.bibliografiafilosofica.webnode.com; Licenciatura e Mestrado em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; doutorou-se, na mesma Faculdade, no dia 14 de Dezembro de 2004, com a dissertação **Fundamentos e Firmamentos do pensamento português contemporâneo: uma perspectiva a partir da visão de José Marinho**; autor das obras **Visões de Agostinho da Silva** (2006), **Repertório da Bibliografia Filosófica Portuguesa** (2007), **Perspectivas sobre Agostinho da Silva** (2008), **Via aberta: de Marinho a Pessoa, da Finisterra ao Oriente** (2009), **A Via Lusófona: um novo horizonte para Portugal** (2010), **Convergência Lusófona** (2012/2014/2016) e **A Via Lusófona II** (2015). Dirige a NOVA ÁGUA: Revista de Cultura para o Século XXI e a Colecção de livros com o mesmo nome (Zéfiro). Preside ao MIL: Movimento Internacional Lusófono desde a sua formalização jurídica (2010).

Desde as origens helénicas da invenção da língua pensante que o filosofar se recorta da narrativa mítica pelos contornos de uma diversa poética que ousa o âmbito intermédio entre um apolíneo excesso de falar “sem nada ditar” e um dionisíaco dizer que cala ou oculta tendo augural enigma. E se no mito a inteligência era ainda sem fórmula mais como um perfume que se liberta da história livre como essência, já nas formas pensadas de a conter se arrisca aos “rótulos” sem cheiro de ser, ou a ficar no hermético de um difícil e dificultado acesso. Aliás, as estratégias do começo da dita linguagem filosófica vacilam ainda entre a poética de um orfismo em que a música das palavras aceita tal *logos*, ou o número e a fórmula de rigor numa idealidade pitagorizante que extreme a dialéctica verbal.

Vem esta reflexão a propósito do que pode entender-se, no caso de Agostinho da Silva, de modo infindo como ele abre para além da palavra, sendo todavia nos limites desta e justamente pelo seu pendor didáctico, explicativo, até social, e por isso também comunicativo e moral, que se determina a *encenação literária* do seu saber³. Porém, o homem está além disto, a sua existência rica, de um “pensador à solta” e vadio, transcende a obra escrita e falada ou que aí não se detecta⁴.

Óbvio que toda esta “vadiagem” ou apólogo da criatividade que tantas vezes é expressa tem origem no vivo paradoxo de continuidade de um paradigma de produção na e pela *língua*, sem a ascese literária (viática do silencia amoroso...), sem o sonho que seria seu de espontânea mutação, de autêntica impecabilidade, afirmando por exemplo: “O Pai é previsível, o Filho é previsível. E o Espírito Santo? O Espírito Santo é sempre definido na Teologia como imprevisível. É algo que voa por onde quer”⁵. Evidentemente que se acumulariam aqui os paradoxos mas não o vamos valorizar agora. Contudo, a sua crítica à “monotonia” em branco, de Pessoa ortónimo como ao destino de uma *heteronímia meramente literária* de um Agostinho da Silva abrangente e universalista merecerá aturada análise.

“Aos amigos de Outros” dedica Agostinho *Um Fernando Pessoa*, escrito e publicado em Porto Alegre em 1959 pelo Instituto Estadual do Livro. Considera Agostinho da Silva que a *Mensagem* não é apenas e “sem dúvida a mais importante obra” de Pessoa, como a mais importante obra da cultura Portuguesa não só pela inteligência como pelo entendimento.

O autor d’*Um Fernando Pessoa* tem sobretudo como análise a *Mensagem* nas suas três partes – *Brasão*, *Mar Português* e *O Encoberto* –, que, como já defendemos em livro⁶, «correspondem às três instâncias ôntico-temporais que, na Visão pessoana, delimitam o destino de Portugal. Como escreveu o próprio Pessoa no seu “prefácio” à obra *Quinto Império*, de Augusto Ferreira Gomes: “Temos pois que a

³ Afirmava por exemplo, Agostinho da Silva: “o existir e o não existir ao mesmo tempo e, do meu ponto de vista, a união final das coisas, e isto é paradoxal. Como no exemplo da geometria analítica, que já referi, esse mundo de paradoxos no qual posso pensar simultaneamente os registos da extensão espacial e da matemática pura”, in *Dispersos*, Lisboa: ICALP, 1988, p. 133.

⁴ Numa entrevista ao *Diário de Lisboa* (19/04/1986), disse: “Cada pessoa deve ser total, completa e ter liberdade para o ser. Sempre bati no ponto, para mim importantíssimo, da liberdade total, não condicionada: *cada um ser aquilo que é (...)*. O homem foi feito, para ser um poeta à solta, seja qual for a sua expressão poética. Pode ser a música, a literatura ou coisa nenhuma” (in *Dispersos*, ed. cit., pp. 109 e 155).

⁵ In *Ir à Índia sem abandonar Portugal*. Considerações e outros textos, Lisboa: Assírio, 1994, p. 39.

⁶ *Visões de Agostinho da Silva*, Lisboa: Zéfiro, 2006, p. 22-30.

Nação Portuguesa percorre, em seu caminho imperial, três tempos (...).⁷ No primeiro, como escreveu Agostinho, trata-se ainda da “potência sem o acto”. No segundo, trata-se já do acto, da actualização da potência, acto esse que, contudo, “não esgota [ainda] a potência”. No terceiro, finalmente, antecipa-se a plena consumação do nosso destino...

Como recorda ainda o próprio Agostinho da Silva, inicia Fernando Pessoa o seu poema, a primeira parte do seu poema, da sua *Mensagem*, por afirmar Portugal como o “rosto da Europa”⁸ – citemo-las:

“A Europa jaz, posta nos cotovelos;/ De Oriente a Ocidente jaz, fitando,/ E toldam-lhe românticos cabelos/ Olhos gregos, lembrando.// O cotovelo esquerdo é recuado;/ o direito em ângulo disposto./ Aquele diz Itália onde é pousado;/ Este diz Inglaterra onde, afastado,/ A mão sustenta, em que se apoia o rosto.// Fita, com olhar esfíngico e fatal,/ O Ocidente, futuro do passado.// O rosto com que fita é Portugal.”⁹

A voz que assim se faz ouvir, se é que nós, na verdade, a ouvimos, é, segundo Agostinho da Silva, muito mais do que a mera voz do poeta, a voz do próprio tempo, da nossa história, do nosso destino. Diz-nos ela que “a Europa jaz”, reduzida que está ao que resta das “ruínas gregas”, à nostalgia de um “paraíso perdido”, como que ancorada no impasse de um “regresso eternamente impossível”. Se assim é, importa, contudo, levantar de novo as âncoras e (re)iniciar, a bordo desta “jangada de pedra”, a viagem. Como “praia, pátria ocidental” por excelência, como “lugar da finisterra”, é Portugal, à luz desta visão, “a porta, a ponte mítica” dessa viagem que só agora, enfim, se inicia...À luz desta visão, toda a nossa história foi, aliás, uma paciente preparação para a concretização desse “destino espiritual que mal se desenha entre névoas e sombras”.

Ao contrário do que é voz corrente, esse “destino espiritual” não se cumpriu, contudo, segundo Agostinho da Silva, com as “Descobertas” – estas não foram nem a nossa “idade de ouro” nem, muito menos, o nosso “último passo”¹⁰. Neste recorrente equívoco reside, aliás, para o autor d’ *Um Fernando Pessoa*, o maior entrave à consumação da nossa demanda. Paradoxalmente, dir-se-ia, as “Descobertas” significaram o nosso próprio “Encobrimento”. Eis, de resto, o que já foi denunciado por outros hermeneutas da nossa tradição filosófica e cultural, como, nomeadamente, José Marinho, que chegou a escrever que estas, as

⁷ *Quinto Império*, pref. de Fernando Pessoa, Lisboa: A.M. Pereira, 2003 (2ª), p. 18.

⁸ A respeito da caracterização de Portugal como o “rosto da Europa”, ver em particular: Manuel J. Gandra, *Da Face Oculta do Rosto da Europa – Prolegómenos a uma História Mítica de Portugal*, pref. de José Manuel Anes, Lisboa, Hugin, 1997 (sobretudo o primeiro capítulo: “A Europa tem rosto?”, pp. 11-25).

⁹ *Mensagem*, in “*Mensagem e outros poemas afins*”, Mem Martins: Europa-América, 1990, p. 137. Destaque-se, nesta edição, a magnífica introdução a toda a obra pessoana e, muito especialmente, a este poema que nos é feita por António Quadros.

¹⁰ Eis, igualmente, ainda a seu ver, a perspectiva de Pessoa – daí, a título de exemplo, estas suas palavras: “Mas eu suponho que Fernando Pessoa pensa que Portugal não teve apenas um papel histórico num certo século, para mostrar ao mundo o que era o mundo, que foi o que Portugal fez, mas que precisa continuar essa obra e passar agora a outro descobrimento muito mais importante, que é o descobrimento da natureza humana e da sua realização plena. Que Portugal apenas descobriu os outros continentes, mas que precisa agora que as pessoas descubram, não apenas o mundo que têm fora de si, mas o mundo que têm dentro de si.” [In *Diário de Notícias*, Lisboa, 6/10/1994].

“Descobertas”, representaram, em grande medida, um “descobrir feito à periferia das coisas”¹¹, senão mesmo, como escreveu ainda, um “caminho para uma visão fechada”¹².

Daí, aliás, ainda segundo Agostinho da Silva, todo o sentido da segunda parte da *Mensagem*. Sendo, aparentemente, uma exaltação das “Descobertas”, da “Possessão dos Mares”, ela não narra ainda, verdadeiramente, “a história de Portugal, mas apenas o seu interrompido prólogo”. A sua glória, se é que glória teve, foi, tão-só, a de “ter mostrado que o mar é sempre o mesmo e que a sua posse nada significa de vital” e de que “o que vale na empresa de buscar é a busca e não o encontro”¹³. Eis, de resto, a tese que o autor da *Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa* nos reiterou em múltiplas outras passagens da sua obra – daí, a título de exemplo, a sua assumida “resolução de ser diferente, de tomar os rumos não tentados”¹⁴, o seu assumido “prazer de embarcar, [de] embarcar sempre, acreditando cada vez menos nos pontos de chegada”, de “embarcar num navio que nunca chegará, rumar por mapa e bússola ou goniómetro para o porto que não existe”¹⁵.

Só assim, aliás, poderemos “ser tudo, como Deus”, assim cumprindo esse destino, esse “futuro”, por Pessoa prefigurado em 1923 – nas suas palavras: “Esse futuro é sermos tudo. Quem, que seja português, pode viver a estreiteza de uma só personalidade, de uma só nação, de uma só fé? Que português verdadeiro pode, por exemplo, viver a estreiteza estéril do catolicismo, quando fora dele há que viver todos os protestantismos, todos os credos orientais, todos os paganismos mortos e vivos, fundindo-os portuguesamente no Paganismo Superior. Não queiramos que fora de nós fique um único deus! Absorvamos os deuses todos! Conquistámos já o Mar: resta que conquistemos o Céu, ficando a terra para os Outros, os eternamente Outros, os Outros de nascença, os europeus que não são europeus porque não são portugueses. Ser tudo, de todas as maneiras, porque a verdade não pode estar em faltar ainda alguma coisa!”¹⁶.

Este é um universalismo utópico? Decerto não foi e o universal do humano do “Homem Universal” que de forma clara e poética nos apresenta também esse outro vulto do pensamento português que foi Teixeira de Pascoas. Também esse universalismo que, de outro modo, mas não menor e tendo o mar como inspiração, o universalizou como algo maior, superior no sentido de nele e com ele. Porém, como se pode

¹¹ Cf. **Aforismos sobre o que mais importa**, “Obras de José Marinho”, vol. I, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994, p. 108: “Os portugueses fizeram a experiência negativa das viagens e sua ilusão no decurso dos círculos que se seguem à empresa do Infante (...). A experiência negativa das viagens resulta de que o seu humanismo foi principalmente pragmático, o seu descobrir foi feito à periferia das coisas.”.

¹² Cf. **Nova Interpretação do Sebastianismo e outros textos**, “Obras de José Marinho”, vol. V, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, p. 224. Isto apesar da sua inicial inspiração franciscana, de acordo com a tese de Jaime Cortesão que Marinho expressamente refere [cf. *ibid.*, p. 252].

¹³ Cf. **Ensaio sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira**, Lisboa: Âncora, 2000 (doravante: *ECLPB*), vol. I, p. 94.

¹⁴ Cf. **Diário de Alcestes**. Lisboa: Ulmeiro, 1990 (2ª), p. 37.

¹⁵ Dado que, como escreveu ainda: “Não me tentam nada as estradas que vão de um ponto a outro, de que sabemos, à partida, a quilometragem e a direção; tentam-me as estradas que não vão dar a nenhum ponto (...).” [*Sete Cartas a um Jovem Filósofo*, Lisboa, Ulmeiro, 1997 (2ª), pp. 35-36]. Daí ainda, nesta esteira, este seu conceito de filosofia: “Para o que ama a Verdade não há descanso nem termo, porque a vê no próprio caminhar, a surpreende no esforço contínuo da marcha; o amor da Verdade não é um desejo de chegar, mas o anseio de superar. Não me importa o resultado, mas o método.” [Glossas, in **Textos e Ensaio Filosóficos**, Lisboa, Âncora, 1999, vol. I, p. 37].

¹⁶ **Obras de Fernando Pessoa**, Porto, Lello, 1986, vol. III, p. 703-704.

ser ainda na obra *Visões de Agostinho da Silva*, esse movimento ontológico de outração de si “de todas as maneiras” implica o sacrifício de toda e qualquer substancialidade identitativa... Por isso, aliás, escreveu Agostinho da Silva, na sua própria “Mensagem”, que “só então Portugal, por já não ser, será”¹⁷. Radica aqui a singular ideação de Portugal de Agostinho da Silva, a sua ideação de Portugal não enquanto país mas enquanto “ideia a difundir pelo mundo”¹⁸, ideação essa que Agostinho enunciou em diversas passagens da sua obra, nomeadamente ao explicitar, ainda no seu *Um Fernando Pessoa*, a sua teoria das três ideias de Portugal.

Assim, tal como ocorre no poema pessoano, corresponde o “primeiro Portugal” a uma primeira instância ôntico-temporal: o ser-tempo em que Portugal visava ainda, tão-só, a plena delimitação das suas fronteiras, da sua substancialidade identitativa. Eis o “primeiro Portugal” que Agostinho da Silva descreve nos seguintes termos: “O primeiro Portugal foi o Portugal continental, o da defesa contra a Espanha, ou melhor, contra Castela, e, porventura, sobretudo, o Portugal da velha unidade galaico-portuguesa, o Portugal lírico e guerreiro das cantigas de amigo e das velhas trovas do cancionero popular; nele estiveram as raízes mais profundas da nacionalidade e nele sempre residiram as inabaláveis bases daquele religioso amor da liberdade que caracteriza Portugal como grei política (...).”¹⁹.

Se este foi, segundo o próprio Agostinho da Silva, o “primeiro Portugal” – aquele que, como dissemos, visava ainda, tão-só, a plena delimitação das suas fronteiras, da sua substancialidade identitativa –, o “segundo Portugal”, por sua vez, já não procurou ser apenas o que era, assim impondo a si e aos outros o seu próprio ser, mas procurou igualmente “o para além de si”, assim iniciando a sua viagem – como logo de seguida escreveu Agostinho: “Terminada, porém, a fase de expansão, outro Portugal entrou em jogo e muito mais adaptado à sua tarefa do que o Portugal do Norte, demasiado rígido para as aventuras da miscigenação, da tessitura económica e do nomadismo que não conhece limites, e, no entanto, firmaria fronteiras (...).”.

Daí, precisamente, a indelimitação do “terceiro Portugal”, ou seja, do Portugal que já não procura “firmar fronteiras” – ainda nas palavras de Agostinho da Silva: “[Finalmente, o terceiro Portugal] É um Portugal que não tem seu centro em parte alguma e cuja periferia será marcada pela expansão de sua língua e da sua cultura de *Pax in excelsis* que ela levar consigo (...): [é] o Portugal da Hora, o Portugal de Bandarra, de Vieira e da *Mensagem* (...).”²⁰. Sê-lo-á mesmo, o Portugal da *Mensagem*?... A nosso ver sim, em grande medida. Desde logo porque, tal como para Agostinho, para Pessoa, Portugal era, sobretudo, uma “ideia a difundir pelo mundo” – não, ressalve-se, para converter os outros ao que nós somos mas, ao invés, para que os outros sejam plenamente o que são e se reconheçam, também de modo pleno, em si próprios²¹.

¹⁷ Cf. “Mensagem”, in *Dispersos*, Lisboa, ICALP, 1989 (2ª), p. 697.

¹⁸ Cf. *Reflexão...*, in *ECLPB*, vol. I, p. 65.

¹⁹ Um Fernando Pessoa, in *ECLPB*, vol. I, pp. 95-96.

²⁰ *Ibid.*, p. 96.

²¹ Daí, aliás, a imagem que Pessoa nos propõe de Portugal enquanto “espelho”, ao prefigurar o que é, o que deve ser, a “arte portuguesa” – nas suas palavras: “Arte portuguesa será aquela em que a Europa – entendendo por Europa principalmente a Grécia antiga e o universo inteiro – se mire e se reconheça sem se lembrar do espelho. Só duas nações – a Grécia passada e o Portugal futuro – receberam dos deuses a concessão de serem não só elas mas também todas as outras.” [*Obras de Fernando Pessoa*, ed. cit., vol. III, p. 702].

O mesmo defende, a nosso ver, Agostinho da Silva, inclusivamente quando afirma que “Portugal só será quando for o mundo inteiro e o mundo inteiro o for”²² – com estas palavras, com efeito, também não está Agostinho a defender uma posição imperialista, de, dir-se-ia, *portugalização* do mundo. Longe disso. Agostinho, aliás, tal como, de resto, Pessoa, sempre foi um amante do Múltiplo relativamente ao Uno, da heterogeneidade relativamente à homogeneidade. Estranho seria, nessa medida, que defendesse a homogeneização, ainda que *portugalizante*, do mundo. Ao invés, o que Agostinho defende é que cada um de nós, por extensão, cada comunidade, se assuma, o mais possível, na sua relativa diferença. Não porque essa diferença seja, de alguma forma, superior a qualquer outra. De modo algum. Tão-só só porque é nossa, porque é ela que funda a nossa singularidade. Tão-só. Não se trata aqui, com efeito, de afirmar qualquer espécie de superioridade de uma cultura relativamente às outras. Todas são igualmente verdadeiras, na medida em que sejam genuínas. De resto, a verdade não está, à luz desta visão, em nenhuma cultura em particular. De modo algum. Quanto muito está em todas: não – ressalve-se – na síntese de todas elas, mas na pluralidade irredutível de todas elas.

Mas – perguntarão alguns – não afirmam Fernando Pessoa e Agostinho da Silva a superioridade da nossa cultura, da “ideia de Portugal”?... Não exactamente, respondemos nós. O que Pessoa e Agostinho defendem, mais exactamente, é a superioridade da ideia de que não há culturas superiores e de que, nessa medida, nenhuma delas se deve sobrepôr a qualquer outra, antes, ao invés, todas elas se devem plenamente expressar. É essa, verdadeiramente, a “ideia a difundir pelo mundo”. Quanto a Portugal, cabe-lhe, não, de todo, afirmar a sua superioridade – em si mesma, ilusória, como, de resto, a de qualquer outro país –, mas, tão-só, a superioridade – real – desta ideia. É essa, em suma, a sua missão. Difundir a ideia de Quinto Império enquanto, precisamente, o espaço-tempo em que cada um, por extensão, cada comunidade, se possa assumir, em absoluto, na sua relativa diferença – não, de modo algum, afirmar-se como “cabeça” desse Império²³. De resto, o que desde logo caracteriza o Quinto Império, e o irredutivelmente distingue de todos os outros, é o facto de ele não ter “cabeça” – como lapidarmente escreveu o próprio Agostinho a este respeito, “paradoxalmente, apenas haverá um 5º Império se não existir um 5º Imperador”²⁴. Replicar-se-á que sem Imperador não pode haver Império. Eis a réplica que o próprio Agostinho parece aceitar ao ter-se referido ao Quinto Império como “o tal Império do Espírito Santo que, no fim de contas, não é império nenhum”²⁵.

Por isso, enfim, sempre afirmou Roberto Pinto, um outro estudioso de Agostinho da Silva, que ele amou e entendeu o seu povo brasileiro como poucos: “Sua esperança e confiança no destino do Brasil não

²² Cf. **Dispersos**, ed. cit., p. 255.

²³ Ao contrário, aliás – como defende Agostinho no último parágrafo desta sua obra, esse Império “só poderá surgir quando Portugal, sacrificando-se como Nação, apenas for um dos elementos de uma comunidade de língua portuguesa” [cf. **Reflexão...**, in *ECLPB*, vol. I, p. 117].

²⁴ Cf. *ibid.*, p. 128.

²⁵ Cf. *ibid.*, p. 161.

tinha limites. Nunca existiu uma conjuntura histórica, pior que fosse, que abalasse essa certeza de que o povo brasileiro formará consciência dos seus valores culturais e espirituais, constituirá uma sociedade justa e dará uma grande contribuição humana ao mundo”. Na verdade, a obra *Um Fernando Pessoa* de Agostinho da Silva corresponde em certa medida a um acentuar ainda maior dos vários Pessoas. Naturalmente que Agostinho da Silva não fora um qualquer analista e leitor da obra de Fernando Pessoa. De certo modo, poderíamos até afirmar que Agostinho e Pessoa, em grande medida, mas de diferentes formas e expressões, podem ser entendidos como duas figuras em grande parte complementares sobretudo no essencial de suas *Mensagens* e por isso de seu pensamento de “um Mundo a Haver”, o que de outra forma se poderia também expressar pela fórmula que de suas obras resulta: o “Império só poderá surgir quando Portugal, sacrificando-se como Nação, apenas for um dos elementos de uma comunidade de língua portuguesa”.

Eis a esperança e a utopia de duas das mais elevadas faces de quem da alma, do coração, da “pátria” viu a língua portuguesa.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO DA SILVA, George. **Dispersos**. Lisboa, ICALP, 1988.

_____. **Diário de Alcestes**. Lisboa: Ulmeiro, 1990 (2ª).

_____. **Ir à Índia sem abandonar Portugal**. Considerações e outros textos. Lisboa: Assírio, 1994.

_____. **Sete Cartas a um Jovem Filósofo**. Lisboa: Ulmeiro, 1997 (2ª)

_____. **Ensaio sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira**. Lisboa: Âncora, 2000.

EPIFÂNIO, Renato. **Visões de Agostinho da Silva**. Lisboa: Zéfiro, 2006.

GANDRA, Manuel. **Da Face Oculta do Rosto da Europa – Prolegómenos a uma História Mítica de Portugal**. Lisboa: Hugin, 1997.

GOMES, Augusto Ferreira. **Quinto Império**. pref. de Fernando Pessoa. Lisboa: A.M. Pereira, 2003 (2ª).

MARINHO, José. **Aforismos sobre o que mais importa**. “Obras de José Marinho”. vol. I, Lisboa: INCM, 1994.

_____. **Nova Interpretação do Sebastianismo e outros textos**. “Obras de José Marinho”, vol. V, Lisboa: INCM, 2003.

PESSOA, Fernando. **Mensagem e outros poemas afins**. Mem Martins: Europa-América, 1990.

_____. **Obras de Fernando Pessoa**. Porto: Lello, 1986.